320.94
B234c

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN
STACKS

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

To renew call Telephone Center, 333-8400

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

OCT 1 0 1989

L161—O-1096

CONFERENCIA

DO

SENHOR RUY BARBOSA

NO

THEATRO PETROPOLIS, EM PETROPOLIS,

AOS 17 DE MARÇO DE 1917.

LONDRES: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1917

CONFERENCIA

DO

SENHOR RUY BARBOSA

NO

THEATRO PETROPOLIS, EM PETROPOLIS,

AOS 17 DE MARÇO DE 1917.

LONDRES: EYRE AND SPOTTISWOODE, LTD.

1917

320.94
B234C

CONFERENCIA

DO

SENHOR RUY BARBOSA

NO THEATRO PETROPOLIS, EM PETROPOLIS, AOS 17 DE MARÇO DE 1917.

MINHAS SENHORAS. SENHORES—

Baldado seria tentar agradecer á Directoria da Cruz Vermelha em Petropolis e aos Amigos dos Alliados a distincção, com que me obsequiaram, dedicando-me esta colheita de modestas esmolas para as victimas da grande conflagração. As mãos das senhoras generosas, por cujo zelo se consumma esta obra pia, não lhe podiam eleger menos digno patrono. Mas a honra é das que o coração não deixa recusar, por mais que a consciencia se sinta opprimida. Se eu lhe ouvisse os receios, antes quizera estar-vos exprimindo o meu reconhecimento pela exoneração, que me outorgasseis, de tão lisongeira escolha, que o de me ver engrandecido por ella na pompa desta solemnidade.

Se, porventura, no correr dos meus annos, tempo houve, em que a minha ignorancia de

mim mesmo me pudesse considerar magnificado com demonstrações de estima tão avantajadas ao meu merecimento, asseguro-vos que hoje, tudo quanto me eleva acima da linha rasteira do seu nivel, não serve senão para me avivar o sentimento invencivel da miseria de uma vida consumida na paixão das idéas e mergulhada, afinal, na tristeza das decepções da esteril realidade no meio que nos cerca. Elevados acima delle pelos acontecimentos que actualmente conturbam a terra, os vossos espiritos, não tendo em mira senão ouvir de labios sinceros a verdade enunciada com independencia, vieram buscal-a a uma porta, cuja humildade nunca se abrio para dar homizio ás más causas. Só estas dependerão do talento dos grandes pregadores. As boas vingam pela sua santidade, que basta apparecer, para ser reconhecida, como a deusa antiga, revelada na majestade silenciosa do seu andar. *Et vera incessu patuit dea.*

Os pleitos que encheram Athenas e Roma com as orações de Demosthenes e Cicero demandavam, para sobreviver ao seu tempo, o genio daquelles monstros da palavra. O mandato que trouxe o Christo á terra, e o pregou na cruz, resplandece em qualquer boca, donde saia o Evangelho na pureza da sua humildade e na innocencia da sua doçura. A tribuna humana só se abraza com as inspirações do genio. Mas o verbo de Deus arraia de luz o mais

obscuro canto do mundo, onde se levante uma consciencia christã apostolando a lei de Jesus contra a lei de Cain.

A LEI DE CAIN.

A lei de Cain é a lei do fratricidio. A lei do fratricidio é a lei da guerra. A lei da guerra é a lei da força. A lei da força é a lei da insidia, a lei do assalto, a lei da pilhagem, a lei da bestialidade. Lei que nega a noção de todas as leis, lei de inconsciencia, que autoriza a perfidia, consagra a brutalidade, agalõa a indolencia, eterniza o odio, premeia o roubo, corôa a matança, organiza a devastação, semeia a barbaria, assenta o direito, a sociedade, o Estado no principio da oppressão, na omnipotencia do mal. Lei de anarchia, que se oppõe á essencia de toda a legalidade, substituindo a regra pelo arbitrio, a ordem pela violencia, a autoridade pela tyrannia, o titulo juridico pela extorsão armada. Lei animal, que se insurge contra a existencia de toda a humanidade, ensinando o homicidio, propagando a crueza, destruindo lares, bombardeando templos, envolvendo na chacina universal velhos, mulheres e crianças. Lei de torpeza, que proscreve o coração, a moral e a honra, mixturando a morte com o estupro, a viuvez com a prostituição, a ignominia com a orphandade. Lei de mentira, na falsa historio que escreve, nos falsos pretextos que invoca, na falsa sciencia que explora, na falsa dignidade

que ostenta, na falsa bravura que assoalha, nas falsas liberdades que reivindica, fuzilando enfermeiras, atacando hospitaes, metralhando povoações desarmadas, incendiando aldeias, bombeando cidades abertas, minando as estradas navaes do commercio, submergindo navios mercantes, canhoneando tripolações e passageiros refugiados nas lanchas de salvamento, abandonando as victimas da cobardia das suas proezas maritimas aos mares revoltos e aos frios dos invernos boreaes. Lei do sophisma, lei da inveja, lei da carniceria, lei do instincto sanguinario, lei do homem brutificado, lei do Cain.

NÃO OFFENDAMOS A CAIN.

Mas que digo, senhores? Não offendamos com indevidas comparações a memoria do primeiro homem, que tirou a vida a outro homem. O sangue do primeiro homicidio escorre ainda hoje das paginas do Genesis, onde a memoria do primeiro assassino se gravou para a eternidade. A mesma sinistra duração no horror da posteridade terá o quadro da Belgica estendida no seu sangue e na santidade do seu direito aos pés do grande imperio, seu vizinho, seu amigo, fiador, por juramento, da sua inviolabilidade. Mas a historia não igualará uma tragedia com a outra; porque á historia não é licito ser injusta nem mesmo com o prototypo dos fratricidas.

Na face de Cain não se vio o rictus do epigramma escarninho. O mão irmão de Abel não riu de sua victima, não accusou a outrem, para se escoimar, não atirou apologias do seu crime á face de Deus. Não disse: "Matei a Cain, por saber que Cain me mataria." Nem tampouco: "Matei em legitima defesa, e a necessidade não conhece lei." Não. Quando aos seus ouvidos resoou, lá de cima, o terrivel *Quid fecisti?* "Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama até mim lá da terra," Cain, fulminado pelo *Maledictus eris*, curvou a cabeça, dizendo: "Tamanha iniquidade como a minha não póde merecer perdão. Eis que me lanças hoje da face da terra, e da tua face me esconderei; errarei prófrigo pela terra, e o primeiro, que me encontrar, me matará: *Major est iniquitas mea, quam ut veniam merear. Ecce ejicis me hodie a facie terrae, et a facie tua abscondar, et ero vagus et profugus in terra; omnis igitur qui invenerit me, occidet me.*"

A BELGICA.

Quando o estampido germanico abalou a Europa, ha tres annos, nos primeiros dias de Agosto, não havia nação mais estreme do que a belga no rol das queixas da sua grande vizinha. Nenhuma, no continente, lhe levava a palma em civilização, em instituições liberaes, em tradições de boa vizinhança, em amor á paz, em inquebrantada e inquebrantavel lealdade

aos seus compromissos internacionaes, que ninguem jámais a suspeitara da idéa de transgredir. A inviolabilidade que todas as grandes potencias européas, e, com estas, a Allemanha, lhe haviam afiançado pelas convenções mais solemnes, ella a conquistara, tambem, pela sua rigorosa fidelidade á situação de paiz neutralizado, em que a Europa a collocara. Mas a sua innocencia não a preservou de ser varada pelas costas com o golpe mortal, o primeiro do grande fratricidio, o que de um traço lhe definio o caracter aos olhos do mundo assombrado.

Quando, porém, essa iniquidade abria as veias á mais sagrada victima desta catastrophe, a resposta aos gritos de espanto do genero humano, pelos quaes dirieis que fallava a voz de Deus, foi a mais peremptoria glorificação do attentado em um discurso do Chanceller Bethmann-Hollweg, que o *Reichstag* acolheu, de periodo em periodo, com o fragor de estrondosos applausos.

APOLOGIA DO CRIME.

" Estamos agora," dizia elle, " numa posição de legitima defesa, e a necessidade não conhece lei. (*Wir sind jetzt in der Notwehr, und Not kennt kein Gebot.*) As nossas tropas já occuparam o Luxemburgo, e, talvez, já tenham entrado a Belgica. *É uma quebra do direito internacional.* Verdade seja que o Governo francez declarou em Bruxellas estar resolvido a respeitar a neutralidade belga, emquanto o seu adversario

a respeitasse. *Mas nós sabiamos que a França estava prestes a invadil-a.* A França podia esperar: nós não. Um ataque francez ao nosso flanco pelo Baixo Rheno poderia ser-nos desastroso. Compellidos fomos, pois, a desattender aos protestos do Governo do Luxemburgo e do Governo belga. *A injustiça que deste modo commettemos,* havemos de fazer pela resarcir, assim que alcançarmos o nosso objectivo militar. *Quem peleja, como nós, pelos mais altos intuitos, não se pode occupar senão de abrir caminho.*"

QUIA NOMINOR LEO.

Com essa trucidação da verdade no Parlamento de Berlim se encetou a trucidação do genero humano nos campos de batalha. As hordas teutonicas necessitavam de abrir caminho através da Belgica ao coração da França. Se a Belgica não entregasse a honra, havia de entregar a vida. Os exercitos allemães precizavam de passar-lhe por sobre o corpo, afim de chegarem a Pariz nas duas semanas aprazadas. Em nome de que direito? Do das garras do senhor da floresta. O mundo civilizado não é senão uma selva de alimarias bravias, onde reina o leão. Bem se lê no exergo do sello imperial: *Quia nominor leo.* "Eu sou o grande; tu o pequeno. Eu o forte, e tu o fraco. Eu o armado; tu o enerme. Não me tomes a passagem. Pereças tu embora, contanto que a grande Germania triumphe. Praticaremos, não se nega,

uma injustiça. Violaremos, não se contesta, o direito internacional. Mas seremos nós os vencedores. É, se ficar por terra o cadaver de uma nação, da existencia perdida a Allemanha, que tudo póde, ha-de achar como indemnize a morta."

O PROGRAMMA IMPERIAL.

Com a propria vida ia pagar, assim, a Belgica o primeiro custo, o mais duro preço da preservação da Europa, que ella salvava. O mundo ia assistir á execução do programma, condensado nas palavras do imperador, quando, aos 4 de Agosto, despedindo-se da Camara, onde acabava de pronunciar a falla do throno, annunciou o esmagamento das nações indoceis á politica de Berlim. "*Nun aber wollen wir sie dreschen!*" disse elle ao Dr. Van Calker, professor de jurisprudencia na universidade de Strasburgo, fechando o punho, e deixando-o cahir num gesto eloquente de vingança saciada. A scena merecia conservada, como foi, pelo testemunho da imprensa. A *Tägliche Rundschau* de 5 de Agosto narrou-a com applausos nas suas columnas, donde os pedagogos germanicos depois extrahiram, para thema de exercicios nos trabalhos escolares, o texto do rugido imperial.

Estava descerrada o jaula. Os bramidos começavam a encher o circo, de cujo immenso amphitheatro se debruçavam as multidões. Ia entrar a nova perseguição do christianismo, a maior de todas, a que havia de ensanguentar

um continente inteiro, lacerando a justiça e a liberdade, nas grandes nações com a existencia das quaes se confundia a existencia da civilização em suas melhores obras, em suas maiores grandezas, nos seus typos supremos. O supplicio da Belgica, o da Servia, o da Polonia, o da Armenia, todos esses actos successivos do inaudito cataclysmo são outras tantas repetições do Crime do Calvario: a crucifixão da humanidade pela ambição de uma dynastia, pela insolencia de uma casta e pelo delirio de uma raça conquistadora.

VAE BELGIS.

Chave, a um tempo, da França e da Grã Bretanha, a Belgica teve de soffrer, juntamente por ambas as nações, que a guerra não encontrara apparelhadas, para salvarem a sua salvadora. A Historia assistio então a essas scenas prodigiosas, ante as quaes empallidecem as tragedias antigas: a defesa de Liège, a rendição de Namur, a occupação de Bruxellas, a batalha de Malines, a destruição de Louvain e Visé, de Dinant, Termonde e Aerschot, o cerco de Antuerpia, a rotura dos diques do Escalda, o exodo geral de uma nação flagellada. O Terror Germanico obscureceu os crimes do Duque d'Alba e da Inquisição hespanhola nos Paizes Baixos. De uma população de oito milhões de almas, sete milhões se debatem sob os calcanhares do invasor. É um povo inteiro, a

quem se tirou o pão, condemnando á morte pela inédia os que escaparem á morte pelo ferro: os moleiros, os mineiros, os ferreiros, porque os moinhos, as minas e as forias não trabalham; os mercadores e caixeiros, porque os bancos e lojas fecharam; os typographos, jornalistas e escriptores, porque não ha mais imprensa; o pessoal das ferro-vias, porque as vias ferreas ou pararam ou estão ao serviço dos invasores; os funccionarios, porque não póde haver administração, nem orçamento. A mão da conquista passou por alli depredando e arrazando, esvasiando e removendo, extorquindo e remettendo ás arcas e ás collecções, aos estabelecimentos e aos thesouros de além-Rheno as machinas e os "stocks," os valores e as preciosidades, a materia prima e as obras d'arte, o dinheiro e os mantimentos, para depois arguir de ociosidade o povo laborisoso que espoliou, e reduzil-o, deportado, ao mais cruel dos captiveiros nas lavouras e fabricas d'armas allemãs, onde o seu trabalho vai sustentar o inimigo, e dar-lhe soldados.

DEPOIMENTOS DA KULTUR.

Quereis ver o que a cultura prussiana fez dessa Belgica roubada e assassinada? Ouvi. É a descripção da Malines actual por Herr Bender, correspondente militar de uma das folhas mais germanistas da imprensa allemã, a *Berliner Tageblatt*

"A mais horrenda furia das batalhas," diz elle, "as scenas mais capazes de cortar o coração nas tragedias da morte, todas as tristezas e agonias da guerra pesam menos n'alma do que a physionomia tumular e a livida immobilidade de Malines, tal como hoje se apresenta á contemplação do observador petrificado. Em toda ella se extinguio a vida. A cidade está morta. Os seus sessenta mil habitantes fugiram. As portas escancaradas mostram a escuridão interior das vivendas. Pelas ruas tudo ermo. Tão vasto é o seu vazio, tão infindo, que o viandante apressado detem sem querer, o passo. Ao longo dellas, de quando em quando, se avistam os soldados allemães, que as atravessam. . . . Mas habitantes, não os ha. . . . Deixaram as casas taes quaes estavam, a comida abandonada nas mesas, as capas dependuradas nos vestibulos. Haveria, quem sabe? vinte moradores em toda a cidade. Serão, talvez, dez. Não se poderia dizer. Não vi, ao todo, senão cinco entes humanos: tres mulheres e dous homens, que se esgueiravam através da cidade extincta. Na tristeza do dia pardacento eram como phantasmas, como defuntos, que sahissem das covas. Um soldado, no seu posto de sentinella, me disse que, dos residentes da cidade, só lhe restavam, por tudo, quatorze. O buliçoso suburbio de Muysen jazia absolutamente deserto. Na frontaria dos predios todas as portas estavam abertas de par em par. De

dentro de um aposento uma cabra alvadia tinha os olhos fitos em nós, através dos vidros turvos da vidraça. Na entrada de outra habitação pendia um chapéo de menina, ataviado com uma fita escarlate. Ao pé, uma relojoaria, com os relogios pelas mesas, pelas caixas, pelos estojos. É nem uma alma, ao perto, ou ao longe."

Ahi está senhores, o que a passagem das hostes civilizadoras deixou de uma das mais bellas, das mais industriosas e das mais prosperas cidades belgas. A solidão de um cemiterio abandonado.

A GUERRA E A POPULAÇÃO CIVIL.

Mas isto é apenas um recanto, um ponto, um momento nessa immensidade tenebrosa, na eternidade incalculavel desses soffrimentos. Tenho nas mãos a " Resposta do Governo Belga ao Livro Branco Allemão." São quinhentas e vinte e seis paginas *in-folio* de uma documentação inexpugnavel. Contam-se alli por centenas os nomes das localidades assoladas pela enxurrada. Mas que crimes! que indignidades! que horrores! Na praça publica de Tamines cerca de seiscentos homens — seiscentos, vêde bem, senhores!—cerca de seiscentos homens, contra nenhum dos quaes havia a imputação da menor culpa, são, de repente, sem aviso prêvio de especie alguma, submettidos ao fogo de um pelotão. Apenas duzentos escapam

á fuzilaria. Em Surice, com o estribilhado pretexto de que uma rapariga tentara matar um official, a orgia militar espingardeia e acaba a tiros de revólver, diante de mãis, esposas e crianças, todo o escól da gente da região, inclusive cinco venerandos ecclesiasticos, muitos aspirantes ao sacerdocio e varios notaveis do lugar. Em Ethe, sob o mesmo pretexto, mata a força allemã duzentos paisanos, mata soldados francezes prisioneiros e feridos, mata enfermeiros e auxiliares da Cruz Vermelha, perpetra sacrilegios abominaveis, submette uma população inteira a todo o genero de torturas physicas e moraes. Não fallo em Namur, em Gomery, em Latour e em dezenas e dezenas, senão centenas de outros povoados, aldeias ou cidades, cada um dos quaes com a sua historia de barbaridades semelhantes, a cujo respeito emudeceu prudentemente o Livro Branco allemão.

A GUERRA E O CLERO.

Nada mais caracteristico do que os attentados militares contra o clero dos paizes invadidos. O inquerito das autoridades germanicas o contesta. Mas documentos da mais absoluta insuspeição da veridicidade mais irrecusavel estabelecem a prova completa das accusações. A Associação dos Padres Viennenses (*Wiener Priestervercin*) incumbio ao Cardeal Piffl, Principe-Arcebispo de Vienna, o exame do assumpto mediante um inquerito especial. Para

o levar a effeito, nomeou esse eminente prelado austriaco um padre austriaco, de origem hollandeza, o Reverendo M. Aloijsius van den Bergh. A summa das pesquizas executadas consta de um relatorio, cuja secção principal se encontra entre os documentos officiaes belgas. E qual é a sua summa? Escutai.

" Fui," diz o veneravel sacerdote austriaco, " fui submetter a uma critica severa a explicação official allemã. E qual a minha conclusão? A explicação official allemã *não* corresponde á realidade. A Allemanha, de que eu aprendera a ter em tão alta conta o trabalho exacto e scientifico, essa mesma Allemanha procedeu, nesse inquerito, de um modo *tão tendencioso, tão parcial e tão indigno*, que desafia qualquer qualificação. O esforçado Cardeal Mercier, a quem a Allemanha indeferio a petição de um inquerito pautado segundo as leis da critica historica, me disse, fallando no methodo seguido pelo inquerito allemão : ' Mas é uma infamia ! ' "

Ouvistes, senhores? Não é tudo. Escutai ainda. São as conclusões do inquerito do clero austriaco, julgando as allegações da Allemanha contra o clero belga :

" Frequentei," diz o insuspeito sacerdote de Vienna, " frequentei, nos meios allemães, flamengos e wallães, o baixo e alto clero; logrei estudar a fundo autos inteiros; trabalhei de modo severo e imparcial, com a firme convicção

da importancia do caso; e a que resultado cheguei?

" 1°. Que *o Exercito allemão matou cerca de cincoenta religiosos, que tratou indignamente muitas centenas de religiosos, e que alguns desses tratou de um modo realmente bestial*, assim moral como physicamente.

" 2°. Que não se verificou da parte de nenhum religioso nem um acto contrario ao direito das gentes."

Quereis agora ver, num breve exemplo, as atrocidades, indignidades e bestialidades, que têm victimado o clero belga?

É o padre austriaco, o delegado official do Principe-Arcebispo de Vienna, quem vai depôr, narrando o episodio do Cura de Oyembrug, assassinado officialmente pelo 26° regimento de infantaria de reserva.

" Aos 25 de Agosto, de tarde, o Cura de Oyembrug tornava da Abbadia de Prémontrès de Grimberghen ao seu Curato, quando, em caminho, sem especie alguma de motivo, o prenderam, levando-o a uma sala, onde pernoitou. Ao outro dia, pela manhã, conduziram á mesma sala vinte e oito paisanos. Encontraram elles o Cura de pé, com as mãos para o ar, postura em que o constrangeram a conservar-se durante horas. Quando o pobre homem, de fraqueza, já se não tinha em pé, seviciaram-no cruelmente a baionetas e coronhadas Os soldados

obrigaram dous dos civis a feril-o, e a escarrar-lhe no rosto, mostrando-lhes primeiro como o haviam de fazer. Então lhe rasgaram o breviario, lançando-lhe á face os restos. Depois é com as botas e as coronhas das armas que os monstros o volvem a maltratar, até que o Cura desmaia. Ahi vertem elles um balde d'agua sobre o corpo inerte do desacordado, e, percebendo-lhe ainda um debil movimento, exclamam: 'Olhem, ainda está vivo!' De novo então o inundam; mas parece que a vida já se extinguira. Por um espaço de tempo consideravel, entretanto, o percorre um leve estremecimento: o corpo examine se mechc, e move a mão para a arma do soldado, que lhe está junto. Mas, no mesmo ponto, uma bala de outro soldado o deixa morto."

A ALLEMANHA E O CATHOLICISMO.

Não sei de que modo repercutem no seio do clero, ahi pelas regiões da neutralidade, estas monstruosidades inverosimeis, não sei de que maneira écoam na consciencia catholica dos neutros. Sei que me basta a mim ser christão pela Cruz, pelo Evangelho, pela caridade, e me bastaria ser homem, ainda pagão, mas não barbaro, para execrar essas deshumanidades, essas aberrações, esses rasgos teratologicos da loucura da força, obsessa de todas as paixões do inferno. E, se eu me pudesse convencer de que alguma religião ha no mundo, que se não

sinta profanada nos seus altares pelas mãos que lhe martyrizam os sacerdotes com tão incriveis supplicios, tão baixas durezas, tão nefandos ultrages, não me era mister mais nada, para concluir que desse culto se teria ausentado o espirito do Christo.

Os que responsabilizam a França pelo radicalismo de Combes mas absolvem a Allemanha da guerra ao catholicismo na Kulturkampf, da guerra ao catholicismo na destruição dos seus templos, da guerra ao catholicismo na trucidação dos seus sacerdotes, podem lá fazer a sua politica ao geito do seu temperamento, mas ao culto religioso que professam é incalculavel o mal que hão de causar, indispondo com elle a consciencia humana rechristianizada pela reacção contra os barbaros do seculo vinte.

A GUERRA E OS TEMPLOS.

Nos tempos de Alarico os seus soldados se juntavam aos Romanos, "para a trasladação dos thesouros do altar." Nas *Historias* de Ozosio, nas *Chronicas* de Prospero e nos *Estudos* de Chateaubriand estão debuxadas essas memoraveis scenas. Conduzem-se descobertos, um a um, os vasos sagrados. De espada em punho os godos, a uma e outra parte, lhes dão guarda, emquanto barbaros e Romanos entoam em coro os hymnos de louvor ao Christo. Depois, quando Attila marcha contra Roma, "São Leão

lhe vem ao encontro; é o flagello de Deus se contém ante o sacerdote de Deus."

Christã se diz, tambem, a barbaria moderna. Mas os santuarios do culto, ante o qual desarmavam godos e hunos, são hoje odiosos aos seus successores. A iconoclastia desta guerra conta já não menos de mil duzentos e sessenta e dous templos catholicos detruidos voluntaria e inutilmente pelos obuzes allemães e outros tantos condemnados ao abandono pelas devastações desta guerra. Na França, na Belgica, na Italia, as balas inimigas derribam os campanarios, varejam as naves, esborcinam os altares, arrancam destroem, lançam por terra, mettem sob os pés da soldadesca as imagens sagradas. Essa a que nós chamamos a Virgem Santissiam e o Filho de Maria têm recebido, nas suas estatuas consagradas, o açoite da metralha; e, quando não se vêem misturados com a caliça nas ruinas revoltas pelas bombas, ou não juncam o sólo maculado pelos tacões das botas da tropa, lá estão oscillando no ar, das grimpas das torres varridas pelos ventos, ou, dos nichos, onde escaparam ás rajadas do bombardeio, assistem ás scenas de quartel, bodega e lupanar, com que os senhores do territorio conquistado exprimem o seu desprezo á religião dos vencidos.

A IRRESPONSABILIDADE ALLEMÃ.

Mas toda essa immensidade immensuravel de attentados ainda não chega, na sua mon-

struosidade moral, á do genio, que os inspira, e á das theorias, que elle tem gerado. O espirito do militarismo prussiano está na convicção da sua irresponsabilidade absoluta, da sua superioridade a todas as leis humanas e divinas, da sua subordinação unicamente aos interesses da patria allemã. Vêde como o infinito desse orgulho delirante se pinta a si mesmo na celebre declaração que o General von Dithfurt endereçou ao mundo pelo *Der Tag* de Berlim:

"Não me parece digno trabalharmos por illibar as nossas tropas de quaesquer accusações, venham embora do exterior, ou do interior. Nem nós, nem as nossas tropas temos obrigação alguma de dar ao mundo conta das nossas responsabilidades. Não temos *nada* que justificar, *nada* que defender, *nada* que attenuar. Tudo quanto as nossas tropas fazem por supplantar o inimigo, por dar a victoria ás nossas bandeiras, justificado está, de si mesmo, pelo seu intuito, e se deve ter por justificado. Não nos temos que occupar com o aprazimento de extranhos, neutros, ou não, ainda quando todos os monumentos historicos existentes de permeio a nós e ao inimigo houvessem de ser reduzidos a pó. Tempo não nos escasseará, para o deplorarmos, quando se restabeleça a paz. Agora é ocioso gastarmos uma palavra com o assumpto. Agora quem rege, é Marte, arbitro dos nossos destinos, e não Apollo Musagetes. O pequeno

acêrvo de terra, que abriga a sepultura de um dos nossos heróes, nos é mais sagrado que todas as cathedraes e todas as gemmas artisticas do mundo inteiro; e, se de barbaros nos apodam, tanto peior. Cousa é essa, de que pouco se nos dá, e que nos move a riso."

"Já se disse," prosegue o terrivel pedante agoloado, "já se disse que somos cubiçosos de guerras e conquistas. *Não era verdade.* Não o *eramos;* mas agora o *somos*, e o havemos de ser até á nossa gloriosa victoria final. Barbaros nos chamam. É falso. Não o somos *ainda.* Mas barbaros podemos vir a ser; e, a esse tempo, nos hão de sobejar motivos, para bradarmos aos nossos inimigos: "Assim o quizestes!" Occasiões não nos têm minguado, nem de futuro nos hão de minguar. Ponto está em que as aproveitemos. Selvagens não somos *ainda.* Ainda não peccamos contra o direito das gentes, não obstante as provocações dos nossos inimigos, *excepto quando a nossa legitima defesa o exigia.* Os nossos soldados não se portam como selvagens. Tal procedimento não condiria com o nosso caracter, ou com o nosso alto gráo de civilização. Mas não ha civilização, que nos leve a esquecer-nos de que, *para nós, só as vidas de nossos pais e irmãos* têm valor, de que as devemos pôr muito acima da sorte de velhas construcções mortas. Essa gente bem nos podia forrar ao seu ocioso phraseado acerca da Cathedral de Reims e

todas as demais igrejas ou palacios que do destino della vão participar. Não lhes daremos ouvidos. Guardem-se, para volver a fallar de Reims, quando as nossas tropas a reentrarem victoriosas. Do mais tanto se nos dá como se nos deu."

Eis ahi, senhores. Pouco importa que pelo art. 56 da Convenção de Haya seja defeso, e se mande submetter á sancção das leis penaes "todo o damno intencional aos monumentos historicos e ás obras d'arte." Pouco importa. Só o que em conta se ha de levar, é que os soldados allemães não percam a vida, embora para elles monte em tão nullo apreço a dos seus adversarios, quanto os actos das suas tropas, dos seus generaes e do seu governo nesta guerra nos tem mostrado.

SELVAGERIAS INUTEIS.

Que é o em que a conservação da Cathedral de Reims se oppunha á vida e ao conforto dos bravos guerreiros allemães? Que é o em que se incompatibilizou com a existencia desses heróes a mansa e inoffensiva condição dessas centenas de templos, venerandos pelo caracter religioso, pela antiguidade, pela belleza e pela innocencia, que os vagalhões da barbaria acometteram e tragaram? Que é o em que essas casas de oração contrariavam o comer e dormir, o folgar e matar, o manobrar e pelejar desses terriveis

batalhadores? Que é o em que collidiam com a sua commodidade pessoal e a sua actividade militar essas maravilhas de Ypres, a sua *Halle des Drapiers*, os seiscentos mil volumes, os inestimaveis incunábulos, os manuscriptos, as gravuras, as salas silenciosas da Bibliotheca de Louvaina e esse numero innumeravel de campanarios, cruzes, abobadas, naves sacrosantas, cujas maravilhas, ufania da architectura christã, os canhões, as metralhadoras e os aeroplanos allemães têm combatido valentemente, desde a Belgica até á Italia, desde o mar do Norte até ao Adriatico, desde a igreja de S. Pedro até ás de Veneza?

Por sobre essa Flandres, que, com a Italia e a França, constitue a trindade privilegiada, entre todas as nações modernas, na abundancia da originalidade, na distincção do gosto, na venustade eterna das obras primas, pela terra de Van Eyck e de Van der Goes, de Memling e de Justo de Gand, de Gerard David e de Van der Weyden, pela terra de Rubens e de Van Dyck, de Seghers e de Corneille de Vos, de Crayer, de Jordaens, de Teniers, cursam, vai por tres annos, os vendavaes da colera allemã, e o diluvio das armas germanicas braveja de mar a mar, estragando, alluindo, subvertendo. Que importa? Os primores d'arte, as creações do genio, as maravilhas do gosto desapparecem. Mas os invasores passam bem de saude. É para que as suas vidas não periclitem, que se

derruem as Cathedraes, se abatem os mercados, se incendiam as Universidades. É para que os conquistadores não corram o risco de morte nas mãos dos conquistados, que se removem para além-Rheno os quadros, os moveis, os espelhos das cidades belgas saqueadas, que, em certa occasião, setecentos pianos das casas varejadas atulham a estação de Malines, e que se traslada a Berlim o esplendido serviço de instrumentos scientificos da Universidade de Liège.

Assaz tem visto o mundo a parcimonia, com que esses capitães economizam a existencia dos seus commandados. Singular parcimonia! Quando se trata de os amalgamar em massas cerradas, para oppôr a espessura da carniça humana á bateria irresistivel da metralha, não se mede á inutil hecatombe o numero de vidas allemãs, que nella debalde se vão sumir. Mas, quando se pretende calar a indignação do universo, dando a razão da sanha das armas teutonicas contra os monumentos consagrados á religião, á arte ou ao estudo, o estribilho da rhetorica militar é a inviolabilidade sobre todas inviolavel dessas vidas sem preço, com uma só das quaes não seria licito comparar em valor todas as Cathedraes, todas as instituições universitarias, ou todas as bibliothecas do mundo; e então, o attonito universo não tem remedio, senão ceder á evidencia de que os miradoiros dessas torres, as ogivas dessas igrejas, os gabinetes

desses laboratorios, os armarios dessas livrarias eram apenas guaritas de espreitadores, armadilhas da traição inimiga, escondedoiros militares, donde a conspiração das populações invadidas, acertando o tiro dos seus canhões, e passarinhando Allemães, guerreava á falsa fé as tropas invasoras.

ALLAH E O SEU PROPHETA.

Creia, porém, lá o mundo o que entender. Com elle pouco se embaraçam os estrategos teutonicos. Sua religião é essa. O exercito é o seu santuario. O seu nome, o poder. A sua moral, a victoria. A sua Biblia, a espada. A sua lei, a irresponsabilidade. Não é da nossa conta que os tacticos dessa escola não distingam entre igreja e casernas, campanarios e canhoneiras, Cathedraes e fortalezas. As aguias da nação predestinada não dão satisfações á opinião do orbe terrestre. Horrorize-se este, embora, da sorte das nações occupadas por exercitos, cujos generaes se nutrem dessas idéas, e usam dessa linguagem. O Santo Imperio Allemão encolhe os hombros. Cruz ou crescente, Jesus ou Mafamede, belgas ou Armenios, tudo é o mesmo. Só o Deus germanico é Deus e o Kaiser o seu propheta.

Quem não conhoce a famosa ordem do dia do General Stenger, commandante da 58ª brigada allemã? *"De hoje em diantes,"* diz ella, *"não se dará mais quartel a prisioneiros. Todos os*

prisioneiros serão mortos. Mortos serão tambem os feridos, tenham ou não armas. A todos se dará morte, ainda quando constituam grandes unidades. Nenhuma creatura se deixará com vida."

Arvoou este homem? Perdeu o sizo, e disparata? É algum louco esmadrigado da casa de Orates, ou algum criminoso escapo dos trabalhos forçados? Não: é um monstro util. É uma autoridade graduada. É um general obedecido. Commanda exercitos civilizados. Mandou o que podia. Podia o que mandou. É uma nota official franceza nos attesta que essas ordens se compriram, como nellas se continha. Morte aos prisioneiros, armados, ou não. Quartel a ninguem!

Mas taes ordens attentavam com brutalidade contra o art. 23 da Convenção de Haya, pelo qual "é vedado matar ou ferir o inimigo que, depondo as armas . . . se entregou á discrição, e declarar que não se dará quartel."

Imaginarieis que seja um exemplo singular o do General Stenger? Não é. Companheiros não lhe faltam nessa lista de retinta negridão.

Recordai-vos da proclamação do General von Bülow em 22 de Agosto de 1914 e por elle assignada com o titulo de commandante do segundo exercito, que occupava Liège: "É com o meu consentimento," declara elle, "que o general investido no commando *mandou*

incendiar todas as immediações do lugar, e fuzilar algumas centenas de pessoas."

Algumas centenas de pessoas fuziladas! Quantas? Não valia a pena de o mencionar. Quando, sem contar a razão por que, se fuzilam, confessadamente, *centenas* de pessoas, não será o numero das centenas o que importe. Dezenas, centenas, ou milhares, tudo é um, quanto baste a vontade arbitraria da espada sem lei, para entregar creaturas humanas por atacado ao matadouro, como rêzes ao córte.

O mesmo ulular de hyena damnada, o mesmo grito de atróz sanguinolencia latio pelas ruas de Namur, na proclamação com que, tres dias depois, a traspasava de horror o famigerado algoz de Liège:

"Todos os soldados belgas ou francezes," diz elle, "*serão entregues* como prisioneiros de guerra até ás quatro horas, em frente da prisão. Os cidadãos, que não obedecerem, serão condemnados a trabalhos forçados perpetuos na Allemanha. Ás quatro horas se dará começo a rigorosa busca nos predios. *Todos os soldados, que então se encontrarem, serão immediatamente fuzilados.* . . . Cada rua será occupada por uma guarda allemã, que em cada uma apprehenderá dez refens. Em occorrendo, na rua, *qualquer disturbio, os dez refens serão fuzilados.*"

A horrenda ordem era flagrantemente contraria aos arts. 44 e 50 da Convenção de Haya,

pelos quaes ninguem póde ser constrangido a delatar, quanto mais a entregar, refugiados, e não se admitte a imposição de "penalidades collectivas." Von Bülow revogava, pois, com desplante, a lei internacional, que o Governo allemão firmara na grande conferencia das nações.

Longe, porém, de ser condemnado, o seu indigno e sanguinario exemplo merece a honra das imitações mais graduadas. Tal a de von der Goltz, Marechal de Campo e Governador Civil da Belgica, uma de cujas proclamações, expedida em 12 de Outubro de 1914, a pretexto de certo attentado contra a via ferrea e o telegrapho na linha Lovenjeul-Vertryk, estatue que, "de futuro, as localidades immediatas ao lugar, onde occorrerem taes damnos, *seiam, ou não incursas em cumplicidade, serão castigadas sem misericordia.*"

TERRORISMO.

Punida uma população inteira! Toda uma rua! Todo um bairro! Toda uma localidade! Todo um povoado! Punidos collectivamente! Punidos em expiação de delictos alheios! Punidos não obstante a sciencia, o reconhecimento, a certificação da sua inculpabilidade! Punidos innocentes! É por taes immisericordiosamente punidos! Não póde ser. A logica, o senso commum, a humanidade, as convenções internacionaes, a lei divina de uma justiça intelligivel

até aos brutos e o proprio sentimento da honra militar o não permittem. Mas a Lei do Terror o exige, e a Lei do Terror é a lei da guerra allemã. O direito das gentes e os textos da legislação internacional capitulam esses criminosos de incendiarios e assassinos. Mas os sentimentos germanicos, os interesses germanicos, as noções germanicas da guerra os premeiam como benemeritos, os admiram como heróes, os endensam como sobrehomens.

NÃO HA GUERRA CIVILIZADA.

O principio supremo neste assumpto, segundo os oraculos da politica militar naquelle paiz, é que a guerra senhoreia todas as leis. O Aristoteles da sciencia desses renovadores da natureza humana é Clausewitz, o patriarcha da seita da brutalidade armada; e Clausewitz nos declara que "*não se póde, sem absurdo, introduzir um principio de moderação na philosophia da guerra.*" "Emquanto eu não venço o inimigo," diz elle, "o que domina tudo, é o receio de que o inimigo me vença." "Não está nas minhas mãos. É uma lei que elle me impõe a mim, como eu a elle, uma acção de parte a parte, *que arrasta a guerra para o absoluto.*" ("Vom Kriege," v. I., pags. 6–7.)

Dahi a conclusão, laboriosamente desenvolvida pelo General von Hartmann, de que *não ha, nem póde haver, guerra civilizada.* A guerra, sustenta elle, "pela sua propria natureza, nega

os principios, em que a civilização e a cultura assentam." Limites, pois, ella não tem (é Clausewitz mesmo quem o diz), "limites não os tem ella senão *insignificantes*, taes que, *mal valem a pena de menção, e sós os a que ella propria se adscreve.*" (*Loc. cit.*, p. 4.)

Assim, teremos de concluir, segundo as premissas da escola, com o General Julius von Hartmann, que "*a absoluta liberdade da acção militar em tempo de guerra é condição indispensavel do triumpho.*" A sua soberania lhe justifica todos os excessos. "É o mais cruel açoite das nações," confessa elle; "*mas, uma vez desencadeada, só as exigencias da necessidade militar têm força de lei.*"

Isto posto, o celebre mestre allemão, no seu estudo sobre as Necessidades Militares e a Humanidade (*Militärische Notwendigkeit und Humanität*), não hesita em formular esta inconcebivel proposição: "*Gratuita illusão é supporem que a guerra moderna não exija muito mais brutalidade, muito mais violencia, e uma acção muito mais livre do que a antiga exigia.*"

Eis, senhores, o idolo aos pés do qual toda aquella cultura se prostra extasiada. O theologo Tzschirner associa a existencia da guerra á existencia de Deus. O philosopho Hegel exalta os beneficios moraes da guerra, e a sublima á altura de primeiro dos fins do Estado. O historiador von Ranke a preconiza como "uma grande potencia civilizadora." O poeta von

Platen nella enxerga a prova, "não só da existencia de Deus, mas da sua grandeza." O oraculo con Treitschke tem fé em que "o Deus vivo com ella renovará sempre o remedio terrivel, mas necessario aos males da humanidade.

NA ARZAO INVERSA DA CIVILIZAÇÃO.

Grande e soberana medicina! Ao passo que todos os outros remedios, todos os outros systemas de curar, na sciencia humana, tendem constantemente, a suavizar-se, alliviando a triste condição dos pacientes, só a medicação das armas, pelo que se vé, pelo que se acaba de ouvir, pelo que annunciam os seus mestres, se presa de ser cada vez mais amarga, mais dolorosa, mais sangrenta, mais cruel. Quanto mais se civiliza o genero humano, mais se alonga da civilização esta cirurgia atróz. Quanto mais professam o horror da violencia as instituições modernas, mais se impregna de violencia a moderna guerra. Quanto mais a brutalidade se elimina de todos os costumes entre as creaturas racionaes, mais a guerra se apascenta, se sácia e se desvanece da sua brutalidade. Numa palavra: são dous elementos que se desenvolvem na razão inversa um do outro: quanto mais se civiliza o genero humano, mais a guerra se desciviliza. Não sou eu que o digo: são os interpretes militares da consciencia allemã, quando ensinam que a guerra hoje "demanda *muito mais violencia e brutalidade muito maior*" do que outr'óra."

PREMEDITAÇÃO DA GUERRA.

Assim pensava, assim sentia, assim se exercitava a Allemanha para a guerra actual, que dahi nasceu. Organizado como a maior machina de aggressão e defesa que os seculos nunca viram, o grande Imperio, certo da sua superioridade e da sua invencibilidade, necessitava de as traduzir no dominio real do mundo. O seu movimento de 1914 estava annunciado, estava planetado, estava apparelhado com tal accumulação de explosivos, que a explosão de 4 de Agosto, longamente meditada pelos seus organizadores, era inevitavel. " O meio de assegurar a paz do mundo," escrevia, em 1907, o General von Liebert, na Liga Pan-germanista (*Alldeutscher Verband*), " o meio de assegurar a paz do mundo, *é dar á Allemanha tudo o de que ella ha mister. Mas ella a obterá com os seus setenta milhões de homens.*"

Só ella podia, pois, querer a guerra: porque só ella para esta se achava apparelhada, tendo gastado um seculo em apparelhal-a com um poder militar sem limites, uma illimitada confiança quasi mesma, e um desprezo illimitado para com todos os seus adversarios possiveis. Aguardar que a investissem era aguardar alem do que no seu orgulho e, até, nos seus sacrificios crescentes poderia caber.

Certo funccionario do Ministerio do Interior no Imperio Allemão, por nome Rudolf Martin,

commetteu, num livro sobre Guilherme II. e Eduardo VII., a indiscrição de asseverar que a Allemanha não esperaria ver-se acommettida, para entrar em campo. " Ella desembainhará, sem duvida nenhuma, a espada," accrescentava o bom Prussiano, " e atacará, logo que, na soberania do ser criterio, o julgar opportuno."

É foi o que succedeu.

Confessou Moltke um dia, na sua " Correspondencia," que " a guerra de 1866 não foi uma guerra necessaria á existencia nacional, nem correspondeu a um desejo popular, foi uma guerra preparada con cuidado e de espaço no seio do Gabinete prussiano uma guerra inspirada na consideração de um bom ideal: o estabelecimento," dizia elle, " *do nosso poder.*"

Eis como a ascensão allemã teve o seu primeiro surto. O segundo, a guerra de 1870, não ha quem não saiba como Bismarck a determinou com a famigeradissima alteração do telegramma de Ems. Outra gestação, pois, de gabinete, outra obra de uma premeditação diplomaticamente incubada.

De 1870 a 1914, em quarenta e quatro annos de gravitação de toda a actividade nacional derredor da idéa da guerra, a intumescencia militar da politica allemã chegara a um gráo de enormidade, em que nada podia já conter a rotura dos vasos nimiamente dilatados e congestos.

Mais mez, menos mez, mais anno, menos anno, essa explosão era fatal. A imprevidencia com que ella se sobresaltou, não se explica, a não ser pelo horror da calamidade, tão immane que nem com a evidencia da sua proximidade imminente ninguem se resignava a ter-se por advertido. Mas, uma vez declarada, todos os excessos que lhe tem caracterizado a physionomia abominavel, deviam estar immediatamente previstos: porque não ha um só, que se não achasse abertamente formulado ou transparentemente contido na theoria, na organização e no ensino da guerra, na sua litteratura classica, nos manuaes do seu regimen, na voz dos seus praxistas, desde Clausewitz até von der Goltz, desde Moltke até Bernhardi.

APPLICAÇÃO DE PRINCIPIOS ANTIGOS.

Quando Bethman-Hollweg, indignado com a resistencia do Governo da Grã-Bretanha á violação da neutralidade belga, se revoltava de que uma grande nação se considerasse manietada na sua liberdade, por "trapos de papel," como então chamou ás convenções internacionaes, era, acaso, elle o primeiro orgão da politica allemã, que désse a este desprezo das leis e dos tratados essa expressão ideal? Não.

Já cincoenta e um annos atraz, no de 1863, Bismarck, fallando, na Prussia, á Camara dos Pares, em sessão de 21 de Janeiro, sustentava que a força é a fé dos tratados, que, quando

as armas se movem, os tratados se alluem, que os tratados só têm estabilidade quando estribam "na maioria das baionetas"; e essa mesma qualificação de "trapos de papel" consagrada estava, de muito antes, soberanamente, na chronica dos Hohenzollerns, por Frederico Guilherme IV. que com aquelle extranho depreciativo assignalava o seu nojo á Constituição, cuja outorga o povo lhe requeria.

O principio, insondavel nas suas consequencias horrorosas, de que a necessidade é a lei inelutavel, a lei superna, a lei divina da guerra, são acaso os ministros de Guilherme II, os seus juristas, os seus generaes os que o inventaram? Não. Ha cerca de noventa annos que o proclamou Clausewitz, o pai da tradição militar allemã, cuja grande obra, "Vom Kriege," data do primeiro terço do seculo passado. Ha quarenta annos que Hartmann o formulava, respondendo á "Codificação das Leis da Guerra," que Bluntschli acabava de escrever, por incumbencia do Instituto de Direito Internacional. Quasi quarenta annos ha, igualmente, que a canonizava Moltke, escrevendo a Hartmann: "Quem quer que conheça a guerra, ha-de pensar, como vós, que não é possivel ditar normas limitativas á guerra."

A HUMANIDADE ESTÁ NA CRUELDADE.

Será, por ventura, ainda, á politica do Imperador actual que se deva a theoria *dos*

beneficios da crueldade? Serão os seus prohomens os que estabeleceram a noção de que *a crueldade é humana*, de que *a humanidade, na guerra, tem por ultima expressão a crueldade?* Não. Ha mais de meio seculo que o Dr. Lieber, o Suisso-Allemão incumbido pelo Governo dos Estados Unidos durante a luta separatista, de formular o regimento dos exercitos americanos em campanha, escrevia: "A inexorabilidade na pratica da guerra é um serviço á humanidade; porque as guerras levadas violentamente são curtas."

Esta lição tinha, muito atrás, a sua origem no ensino de Clausewitz, o classico dos classicos da sciencia militar allemã; porque lá está no seu livro: "*Os peiores erros*, no trato de realidades tão perigosas como a guerra, *são os que derivam da bondade do coração.*" A victoria caberá, necessariamente, ao contendor, "que *usar da força sem misericordia, e não poupar sangue.*"

Desenvolvendo essa tradição, Hartmann a renova, em 1877, envidando tudo por evidenciar que a crueza efficaz redunda no inverso do que apparenta. "*A brandura e a clemencia é que são crucis*, quando retardam a conclusão da guerra, perdendo lhe de vista o objecto."

Foi, no manancial antigo, pois, na velha escola nacional, que bebeu, muito mais tarde, o estado-maior allemão, quando, no seu famoso manual, "Kriegsbrauch in Landkriege," repudiando as tentativas de Bruxellas e Haya,

para humanizar os conflictos internacionaes, estabelecia o dogma germanico nesta lição de ferocia brutal: "Muitas vezes a *verdadeira humanidade* consiste unicamente em exercer *sem mitigação alguma* as severidades necessarias da guerra."

O ALKORÃO DA FORÇA.

Esse livro de sangue, depois de negar toda a sancção juridica ás leis da guerra, depois de aconselhar aos officiaes que se embebam na historia da guerra, para se resguardarem de tentações humanitarias, depois de estabelecer que todos os meios, na guerra, em sendo necessarios, são admissiveis, depois de justificar a destruição de aldeias inteiras e a execução de todos os seus habitantes adultos, acaba por autorizar o exterminio dos prisioneiros, não só a titulo de represalias, senão tambem "no caso de inevitavel necessidade, quando, não existindo outras salvaguardas, se tornar perigosa a conservação delles," e suggere a possibilidade legitima de se lhes tirar a vida, em mingoando os "meios de transporte," ou havendo nos de subsistencia grande estreiteza.

Tudo isso, porém, não só era já lei velha, mas ainda lei promulgada nas mais altas regiões do espirito allemão. Lembra-me, a proposito, um episodio narrado no celebre livro de Moritz Busch. Quando o Conde Holstein contava um dia a Bismarck a industria de um sapateiro de

Munich, que alugara as janellas, para dalli se verem passar os atiradores argelinos aprisionados em França, o grande chanceller contraveio, irritado: "Mas fazerem prisioneiros esses negros, é irem de encontro a tudo o que estava resolvido." "Creio," replicou o seu interlocutor, "que d'óra em diante já os não faremos." Ao que tornou o famoso Allemão: "Se me escutassem, todo o soldado, que capturasse um desses sujeitos, e o entregasse aos seus chefes, seria castigado com prisão. São bandidos: *devem ser exterminados.*"

Já Clausewitz formulara o dogma do terrorismo na guerra, ensinando que a occupação militar e o arbitrio dos seus executores não tem limites no emprego de todos os meios convenientes "ao empobrecimento, á devastação e á exhaustação do paiz occupado." O General americano Sheridan, num banquete ao chanceller germanico, em 1870, carregou, com um traço de pincel magistral, o pinturesco da lição, advertindo que "ao povo do territorio invadido apenas se devem deixar os olhos, com que chorar." Dias depois, quando mostravam a Bismarck, no meio das angustias do povo francez, que a guerra affligia muito mais os pobres do que os ricos, o constructor do Imperio Allemão respondeu: "*Tanto melhor; porque ha mais pobres do que ricos.* Não percamos de vista o objecto da guerra, que é uma paz vantajosa. Quanto mais amarguras curtirem

os Francezes, mais almejarão a paz, sejam quaes venham a ser as condições, que lhes imponhamos."

Eis como se creou, entre os Allemães, o espirito de guerra, o espirito de absorpção, o espirito de conquista; erradicando inteiramente do coração do homem de espada a consciencia do christão, pondo em luta aberta as leis do dever militar com as leis do dever natural, urdindo o sophisma diabolico de que a ferocidade é a mais legitima traducção marcial da humanidade, levantando sobre as ruinas do Evangelho de Jesus o Alkorão da força absoluta.

O CANTO DE ODIO.

Conheceis o canto do odio de Lissauer? É um hymno de morte escripto com a medulla das hyenas, o succo gastrico dos tigres, o veneno das serpentes, a baba dos hydrophobos, e a inspiração dos precitos. São os urros de um epileptico a bracejar enfurecido, antes da quéda, com uma lamina de aço ensanguentada entre os dentes, revessando a bilis negra do figado ulcerado. Dirieis uma anomalia individual? um caso esporadico de loucura? o phrenesim de um réprobo agonizante?

Enganai-vos, senhores. Um sacerdote germanico, o pastor Schiller, em um artigo estampado na *Gazeta de Voss*, diario protestante liberal de Berlim, sob o titulo *O odio allemão*, abraça em nome da sua nacionalidade a hor-

renda ladainha infernal. "O proprio dominio da moral," diz esse extranho Ministro de Deus, "está submettido ao processo de evolução. *Outr'ora* tinhamos o odio por immoral. Se alguem nesse thema tocava, todos o rejeitavamos indignados. *Hojo outra cousa não sabemos, sonão que podemos e devemos odiar. O canto de odio de Lissauer contra a Inglaterra corresponde inteiramente á nossa sensibilidade, ás profundezas da alma popular allemã.* Todas as objecções, que a este respeito se nos dirigirem, cahirão em ouvidos surdos; todas as mãos que se nos estenderem, para nos reter, nós as abateremos. Não é cupa nossa. *Forçoso nos é odiar* essa raça mentirosa."

Será, porém, sómente contra a Inglaterra que o odio alli distilla esta acerba peçonha? E será só depois de começada esta guerra? Será ella, acaso, a que primeiro espremeu das vesiculas mandibularos do prussianismo estas secreções viperinas, e lhe arrancou do peito estes silvos? Não haverá outras nações, já enlaçadas, ou não, entre as roscas da serpente, contra quem se assanhem, na cabeça da moderna Medusa, os perigosos crotaloides? É incontestavel.

Fallando, entre applausos calorosos, muito antes da conflagração actual, a um numeroso auditorio de lentes e alumnos de theologia protestante, o theologo Lezius, num discurso depois dado a lume no *Vorwärts*, incendido em

cólera contra os Polacos, ejaculava as bellezas de sua alma christã nestes accentos, que o demonio invejaria: "Salomão disse: *Não sejaes bons em excesso, justos não sejaes em demasia.* A Prussia polaca devia ser eliminada e, sem a menor hesitação, anniquilada toda a sociedade polaca. Este summario processo cumpriria, outrosim, que se applicasse á imprensa franceza e á imprensa dinamarqueza, bem como á sociedade alsaciana e ao Schleswig-Holstein. Mas é, sobretudo, com os Polonios que conviria sermos expeditos. Seria mister que, no tocante a elles, modificassemos a constituição. Era precizo que passassem a ser considerados ilotas. Só tres privilegios se lhes deveriam conceder: o de pagar tributos, o de servir no Exercito, e o de emudecer."

O LATROCINIO DA CONQUISTA.

Eis ahi, senhores e amigos meus. O Schleswig-Holstein, a Alsacia, a Polonia. Que significam estas tres denominações? Tres pacientes da voracidade germanica, tres victimas do latrocinio da conquista, tres mutilações nacionaes operadas em proveito do colosso imperial, uma provincia da Dinamarca espoliada, uma provincia da França vencida, uma provincia da Polonia retalhada, que elle sorveu em tres rasgos de rebeldia contra o direito inconcusso.

Mas não basta que as reduzisse pela violencia, que as separasse da carne da sua carne, que as

aggregasse ao inimigo da sua raça. Não. Era mister que o Dinamarquez, o Francez e o Polaco, nacionalidade e lingua, se dilluissem á força no allemão. A raça, porém, alli é nobre, a nacionalidade vivaz, o idioma estremecido. A germanização compulsoria entra como cunha de ferro nos tecidos palpitantes; mas encontra, de musculo em musculo, de nervo em nervo, de tendão em tendão, a resistencia do organismo ao corpo extranho, que o viola. Embora se proscreva das escolas a amada lingua patria, embora se açoitem as crianças, para receber o ensino religioso em allemão, embora a perseguição multiplique os seus vexamos, embora os naturaes do territorio sejam nelle tratados como extrangeiros, intrusos e malfeitoros, a reacção invencivel da natureza persiste e se eterniza, exagitando e desatinando os oppressos.

É a politica dos imperadores romanos, maniacos ou decadentes, que aos povos invadidos negava o direito de resistirem, que lhes imputava a crime a persistencia em se não desnacionalizarem, e, antes de subjugados, antes de absorvidos, já os encarava como insurgentes.

Ha um autor suisso, o Coronel Wilhelm Rustow, que, vai já por quarenta annos, cinco annos após a guerra franco-prussiana, num livro muito citado, " Kriegspolitik und Kriegsgebrauch," assignala esta semelhança notavel entre os cesares allemães e os cesares romanos. No sentir de uns e outros, diz elle, " a nação vencida,

sobre ser dominada pela força, ha de reconhecer como justiça a força, a que succumbe, e reconhecer-se legalmente responsavel pela resistencia que lhe oppoz."

E como não, senhores? Como não, se "*as nações fracas não têm o mesmo direito de viver que as nações poderosas e robustas*"? Como não, se "o mais alto *dever* do Estado é augmentar o seu poder." Como não, se, sendo esse o seu dever, não usa o Estado senão do seu direito, "quando exerce a conquista, sempre que vantajoso lhe pareça accrescentar novos territorios ao seu"? Como não se "o povo allemão é o maior povo civilizado, que a historia tem conhecido"? Como não, se esse povo "é o eleito de Deus, e os seus inimigos os inimigos do Senhor"? Como não, se "o seculo XX pertence á Allemanha, do mesmo modo que o seculo XVI á Hespanha, o seculo XVII á França e o seculo XVIII á Inglaterra"? Como não, se "a diffusão da Allemanha pela Europa e por todo o globo é *necessaria, inevitavel e providencial*"? Como não, se a lei da vida quer que os mais fortes sejam eliminados em proveito dos famintos," e o faminto, hoje, diz um escriptor germanico, é a Allemanha?

O conquistador já se não olha como um aventureiro, contra o qual devamos trancar as nossas portas, chapear as nossas janellas, fortificar-nos entre as nossas paredes, e abrir fogo das nossas setteiras, eirados e matos.

Não. É o dono, por direito divino, de tudo o em que poz os olhos. Chão, onde bateu com o conto da sua lança, ninguem mais lh'o poderá disputar. Para elle só é que existe a legitima defesa; e a sua legitima defesa consiste em se apoderar do alheio, que seu passa logo a ser, em lhe entrando em contacto com a mão soberana. Onde ella assenta, no mesmo ponto cessaram os direitos do antigo senhorio, excepto se este aceitar a libré da vassalagem, beijar a dextra dó creador, e transigir com a rapina, que o despoja. Se não, se repugna, se resinga, se se retrahe, se estende o braço para a lareira em busca do arcabuz contra os intrusos, a contingencia, que o aguarda, não é a de ser tratado como quem se bate na fortaleza da sua existencia, da sua honra e da sua propriedade, mas a de quem se recusa a entregar ao patrão a herdade commettida á sua guarda. De sorte que, sendo vencido, não é só a derrota o que o espera; é, ainda, *o castigo*.

A LEI DO ROUBO.

Não acham razoavel, nem justo este discorrer. Mas *natural* não se póde contestar que seja. A conquista é o só latrocinio, que a civilização consente, coadjuva e consagra. Ora, a lei do roubo exclue, pela sua natureza, a razão e a justiça. Numa honrada justa, núm duello regular entre dous cavalleiros, individuos ou povos, o vencido é sagrado para o vencedor.

Tal a noção *extra-germanica* da guerra. Mas, numa luta entre o homem de bem, cuja paz é turbada pelos invasores da sua propriedade, e os pilhantes, que a salteiam, occupam e destroem, o dono da casa, onde se alojou o crime, se não cahir varado pelos tiros da quadrilha, na investida, respondera depois no tribunal dos salteadores, como se elle é que o fosse, e estes os legitimos donos do que roubaram.

Tal a noção do flagello, sob cujo açoite se estorcem as pequenas nacionalidades alagadas pelo esbordar torrentoso dos Imperios Centraes, desde os Armenios, os Montenegrinos, os Servios e os Polacos, até aos Belgas, o mais adiantado, o mais florescente, o mais livre, o mais tranquillo, o mais vigoroso de todos esses povos. A impia invasão, cujo tremendo choque foi elle o primeiro a receber, esbarrou nessa muralha viva da civilização européa, que, alçada entre a França, a Grã-Bretanha e o Imperio allemão, frustrou a este o rapido golpe, com a certeza de cujo resultado contra aquellas nações contava como certo. Martyrio incomparavel, mas gloria quasi divina, que se mede com a da Grecia antiga e a deixa obumbrada.

VICTORIAS IGNOBEIS.

Para alcançar essa altura, a minha palavra, cansada e empallidecida, não basta. Seria mister, além da palavra humana, a vibração dos hymnos sagrados, onde se celebra o inen-

arravel sacrificio do Redemptor dos Homens e a diffusão das virtudes purificadoras do seu sangue *usque ad astra*, até ao espaço estrellado.

Mas, para gemer com os afflictos, para clamar com os esbulhados, para vestir o luto dos mortos, para chorar com os orphãos, para sacudir a mortalha das suas calamidades sobre a cabeça dos tristes vencedores, qualquer coração de homem justo, qualquer cerebro de ente pensante, qualquer voz de peito honesto ha de encontrar, nesses abysmos de miseria, dor e iniquidade, accentos com que bata no rosto da soberba humana, da sua pequenez, da sua cobardia, e dê aos que ainda se não corromperam a impressão exacta da vergonha das victorias contra a moral, o direito e a humanidade. A mais humilde mão do mundo póde levantar do sepulcro, onde a resurreição ha de succeder á morte, e mostrar ás turbas crentes o emaciado rosto do martyr na veronica ensanguentada.

RUINAS.

Numa das solitarias romarias do meu espirito através dessas paragens longinquas da agonia belga, da Flandres e da Wallonia desoladas, encontrou-se um dia com a minha, no correr da leitura dolorosa, a mão de um pastor daquellas dioceses, que a guerra assolara. Era uma só, a de Namur, por onde elle peregrinava, e me foi levando; uma só, a de Namur, um

lance apenas no infinito panorama de lagrimas, tumulos e ruinas. As paginas do livro exhalam o longo gemer no homem de Deus consternado na incomparavel afflicação das suas ovelhas, na dôr dos seus templos maculados, no supplicio da sua igreja de santos e heróes.

"Percorremos em pessoa," diz Monsenhor Heylen, "as regiões devastadas, e por toda a parte vertemos amargo pranto, considerando no espectaculo da ruinaria de tantas igrejas, tantas escolas, tantos presbyterios, tantas vivendas, tantas aldeias, que, em alguns casos, foram destruidas por batalhas, mas as mais das vezes pelas chammas dos incendios. Será necessario citarmos nomes de lugares? Dinant, Tamines, Saint Martin, Sorinne, Spontin, Hastière, Hermeton, Onhaye, Antée, Maurenne, Suria, Romedenue, Franchimont, Viller-en-Fagne, Frasnes, Willerzie, Bourseigne, Musson, Baranzy, Ethe, Gomery, Tintigny, Houdemont, Rossignol, Herbeumont, Maissin, Porcheresse, todas essas parochias estão riscadas totalmente da carta da diocese. Mas, além dessas varias localidades, *que desappareceram da superficie do sólo, ainda existem mais cento e cincoenta,* onde se executou mais ou menos parcialmente a obra de destruição."

MATANÇAS.

Vistes as ruinas? Vêde agora um pouco dos morticinios. Já não é o Bispo de Namur per-

correndo a sua diocese. São outros depoimentos, as averiguações, os relatorios, os documentos officiaes, que nos deixam ver um lanço do vasto sepulcrario: "Em Dinant 700 paisanos immolados. Em Andennes, assassinadas todas as autoridades e quasi todos os notaveis. Em toda a Belgica wallona todas as aldeias e todas as cidades ensanguentadas. Só na provincia do Luxemburgo: em Neufchâtel, dezoito fuzilados; em Etalles, trinta; em Houdemont, onze; em Bertrix, dous; em Saint-Léger, onze; em Maissin, dez homens, uma mulher e uma rapariga; em Villance, dous homens; em Claireuse, dous e dous enforcados; em Anloy, *cincoenta e duas* pessoas de um e outro sexo fuziladas; em Tintigny, *cento e cincoenta e sete;* em Ethe, *trezentas*. Em Lafour, sobreviventes apenas *dezesete homens*."

HYPOCRISIA SANGRENTA.

A essa carniceria, a essas assolações, ás crudellissimas torpezas da lascivia armada, sobre cujas scenas hediondas nos não seria licito aqui deixar cahir nem uma réstea de luz, a toda essa alluvião de males indiziveis, sobreponde, ainda, a suppressão, das liberdades mais elementares, o desapparecimento de trabalho, da imprensa, do culto, o saque, um systema de exacções, indemnizações e requisições inaudito, e, por cumulo, a deportação em massa, a dispersão geral das familias, o trabalho forçado

no extrangeiro, a escravidão no paiz do inimigo, aggravada pela collaboração na guerra á propria nacionalidade. E ahi está, senhores, o que o General Bissing, Governador allemão da Belgica, numa entrevista escripta para os Estados Unidos, lhes assegura estar-se praticando *em beneficio* das victimas dessa incomparavel perseguição e, geralmente, da nação belga. É por amor dos Belgas e a *bem delles*, é *por seu bem*, que a occupação allemã os jugula, os despe! os viola! os carneia! e espalha, ao cabo, ao longe os retalhos da nação esquartejada. *Væ vobis, hypocritæ!*

O CRIME DA INNOCENCIA.

Mas que fez ella, para lhe cahir em cima essa tromba, para a subverter essa perdição, para se ver sentenciada a esse anniquilamento? Nada. Apenas exercer essa legitima defesa, em nome da qual contra ella se encarniça a gratuita inimiga. Que fez ella? Nada e nada. Apenas estar-lhe no caminho com a sua soberania, com a sua neutralidade, com os tratados europeus, que lh'a garantiam, e em que lh'a garantia a sua propria invasora. Que fez? Nada, nada e nada. Apenas não ter perdido a sensibilidade, a consciencia e o instincto da vida. Foi condemnada á morte, pelo crime de ser innocente; é, como não morreu da primeira execução da summaria sentença, expia, nas torturas de hoje, o delicto, ainda mais grave, de não ter morrido.

Houve, em Roma, um certo Fimbria, retra-

tado pelo autor do dialogo *De claris oratoribus* com os traços de creatura agitada e insana, sujeito que, tendo mandado, nas exequias de Mario, assassinar a Scevola, um dos mais respeitaveis Romanos do seu tempo, como este sobrevivesse ao golpe, annunciou o projecto de o accusar. Perguntaram-lhe de que. "*De que?*" respondeu esse hotre os furiosos. "*De não ter recebido no corpo o ferro inteiro.*" A Belgica incorreu em attentado semelhante. Já criminosa de não acolher a invasão, quando ella a tentava subornar, dobrou o attentado, furtando-lhe o coração ao bote, quando ella se convertia em lança, para a traspassar.

DECEPÇÕES DA FORÇA.

Mas a Belgica era apenas um palmo do mappa, sobre o qual Carlos Magno *avait jeté son dévolu.* Embargando, porém, o passo ás hordas teutonicas, essa exigua difficuldade, esse tropecilho "desprezivel" empeceu o arremesso contra Pariz, a carreira sobre Calais. Nem a França pôde ser logo esmagada, nem a Inglaterra soffrer o ataque através da Mancha. Ainda que mutilada, a primeira, salvando a sua Capital, com ella salvou o melhor do seu territorio e a integridade quasi total dos seus recursos; ao passo que a segunda, intacta na sua gloriosa insularidade, tomou nos braços o oceano, e assumio, na defesa do continente, o quinhão imprevisto, que os seus inesperados exercitos

lhe permittiram. Dest'arte, a ridicula Belgica, a decadente França, a despicienda Grã-Bretanha e a Russia desorganizada burlaram o arranco do Novo Imperio Romano, ao emergir da sagrada madre, onde o gerara o pan-germanismo nas entranhas augustas da Allemanha.

O DOMINIO UNIVERSAL.

Estava, porém, materialmente descoberto o plano de incommensuravel gigantez, que devia encerrar o mundo nos tentaculos da potencia universal: a França remutilada; a Belgica absorvida; subjugada a Inglaterra; dominados os Balkans; a Turquia protegida; a Russia, de mãos e pés atados pelo Baltico e pelo Mar Negro, para o desmembramento projectado. Dahi a marcha para o Egypto, a Persia e a India, a desorganização do Imperio britannico, o assalto aos Estados Unidos, agora mesmo já ensaiado na tentativa de arremessar contra elle a Republica mexicana, o levantamento certo, infallivel, já prompto, da Germania brasileira e com a sua proclamação, aberto o caminho e transposta a maior difficuldade para a absorpção ulterior da America do Sul, desde as colonias do Paraná até ao cabo Horn, no bojo do colosso.

O IMPREVISTO.

Todos estes actos da soberba allucinada se teriam successivamente consummado, ou se esta-

riam consummando, se a guerra de 1914 não houvesse encalhado no milagre belga, no imprevisto britannico, na renascença franceza, no renovamento russo; se tivesse logrado ser a guerra, que elles sempre scismaram no seu desprezo das outras nações, a guerra que um Allemão do seculo dezenove, o Professor Heinrich Leo, tinha por certo ser a do advento da Allemanha, ao seu lugar de primazia: "uma boa guerra," como elle dizia, "uma boa guerra esperta e divertida, que, atravessando com furor a Europa, sirva de crivo, para alimpar a nação, e nos descarte da canalha escrofulosa, que tomando espaço, o cerceia aos outros."

Não o foi. Não pôde ser a guerra expedita e lêda, célere e triumphal, que elles sonhavam, uma guerra terminada, segundo o annuncio de Cesar, antes, que as folhas daquelle outomno acabassem de cahir, e as tropas vencedoras houvessem esgotado as adegas da Champagne, com a espuma de cujas ultimas botelhas teria sido tão galante regar a victoria sem contratempos. Servio, de crivo á nação, que a declarou; mas, em vez de ser para lhe defecar as veias do sôro corrupto, foi para lhe espremer, coado nas putridas cubas da morte o mais e o melhor do seu sangue, deixando, ao cabo, na joeira funesta, como restos da escolha, com os mutilados invalidos, os decrépitos, os inuteis, gerações debeis e combalidas, origem de outras gerações combalidas e debeis. Atravessou com

furor a Europa, mas, em vez de ser para encontrar a ralé carcomida de alporcas, pela qual as suas espadas cuidavam passar como lancetas e vasculhos, foi para se defrontar com uma França maior que a da Revolução e a de Bonaparte, com uma Inglaterra maior que a de Wellington e a de Nelson, com uma Russia maior que a da campanha de Napoleão e a do incendio de Moscow, com uma Italia maior do que todo o seu passado, com uma Belgica maior do que toda a sua civilização, com uma Europa reerguida, retemperada, renascente, com a reconstituição de uma grande potencia militar na Republica franceza, com a improvização de uma grande potencia militar no Imperio britannico, com a reorganização de uma grande potencia militar nos dominios moscovitas, com a revelação de uma grande potencia militar no Reino italiano, e com a sorpreza de uma grande vitalidade militar na industriosa familia belga. De modo que, por todos os lados, o horizonte se lhe escurece, o terreno se lhe accidenta, os obstaculos se lhe amontoam, os calculos se lhe mallogram, a victoria lhe escapa, e, certeira, a espera a ruina dos seus projectos.

MILITARIZAÇÃO DO MUNDO.

Da estupenda grandeza que elles revestiram, da terrivel instantaneidade com que rebentaram, das extorsões temerosas em que se

definiram, da total subversão do direito das gentes a que se abanlançaram, das calamitosas ameaças com que sobresaltaram o genero humano, do arrojo incrivel com que proclamaram a força como a rainha do universo, com que attribuiram á guerra o arbitrio de romper as garantias convencionaes estabelecidas para limitar a guerra, com que arvoraram em canone novo a negação juridica dos tratados, com que emanciparam de todas as leis as lutas internacionaes, com que proclamaram o terror como um principio essencial á acção militar, com que declararam a predestinação da Allemanha, sua raça, suas instituições, seus interesses ao dominio do globo, apanagio reservado ao povo eleito do Senhor dos Exercitos, deus seu, pai seu e padrasto, inimigo do resto da terra,—dessa origem tremenda, além de todos os amargores em que está mergulhado o orbe, resultou para o futuro do homem no planeta que habitamos, um mal incalculavel, com a militarização a que condemnou todos os povos, os mais liberaes, os mais civis, os mais refractarios ao regimen das armas, creando uma atmosphera de incredulidade geral no direito, de confiança exclusiva no valor dos exercitos, das esquadras e dos armamentos.

EM ANTAGONISMO COM O SECULO XX.

O retrocesso, que, com esta situação funesta, obra unicamente sua, acaba de operar na

civilização a politica allemã, dá-lhe um caracter de antagonismo com o seculo em que ella pretendia gravar o sello do seu nome, apresenta-a, aos olhos da maioria das nacionalidades, como o inimigo universal da paz, da liberdade, do direito, e ha de ligar á sua responsabilidade as desorganizações, as revoluções e as maldições, que da recrudescencia dos armamentos derivarão, necessariamente, para o mundo, se, com o termo desta luta, não se resolver o problema da justiça internacional, da policia internacional e da ordem internacional, assentes em convenções inviolaveis, cuja observancia o concurso dos povos civilizados assegure, contra as ambições turbulentas de todos os continentes

GRANDE LIÇÃO.

Mas, se ao delirio do pan-germanismo devemos agora, além de perdas tantas e tão irreparaveis, esta situação ominosa de militarismo generalizado, em compensação o demonio da cobiça internacional recebeu com a má sorte desta aventura descompassada uma lição indelevel. Porque cincoenta annos de continua premeditação e de preparação aturada, uma sciencia militar consummada, uma organização militar perfeita, uma opulencia de recursos militares inexcedivel, com a concentração de todas as forças do paiz, sua cultura, seu orgulho, sua disciplina em torno dessa aspiração militar absorvente e exclusiva, não bastaram para a

livrar de que cada um dos seus calculos acabasse por uma decepção, de que em cada um dos seus desdenhados adversarios lhe surdisse pela frente um inimigo invencivel, de que o seu systema de crueza, do terror, de sanguinolencia, em vez de abater o animo aos seus antagonistas, só tenha servido para desenvolver, nos povos atacados, o civismo, a bravura, o enthusiasmo de combater, o alvoroço no voluntariado e a segurança crescente, religiosa, absoluta do triumpho.

A PROVIDENCIA.

É deste modo, senhores, que a Providencia—sim, a Providencia!—onde menos a esperam, mas sempre com opportunidade, intervem nas combinações dos vermes da terra, intervem salvadoramente, restabelecendo, pelos longos caminhos de que só ella tem o segredo, a ordem nas suas leis, tão eternas no governo dos homens como no dos astros.

A conspiração do prussianismo contra a legalidade internacional, contra o constitucionalismo liberal da Europa, na Grã-Bretanha, na Belgica e na França, provocou uma reacção inesgotavel nos seus recursos e cada vez mais poderosa nos seus elementos. A tentativa de implantar a soberania da força illimitada, sobre os destroços da santidade dos tratados, em beneficio de uma nação privilegiada, chamou o espirito dos povos e considerar a necessidade urgente de

crearem, nas relações entre os Estados, um systema de compromissos, autoridades e sancções positivas.

RENASCENÇA MORAL.

Ainda mais. A torrente dos crimes do militarismo desenfreado, nos territorios cobertos pela invasão, determinou, entre as nacionalidades em luta com a violencia desses attentados, uma renascença maravilhosa de energias moraes, uma efflorescencia ainda não vista de qualidades heroicas, de santas abnegações, de exemplos reanimadores, uma inaudita emulação em extremos de amor da Patria, desprezo da vida e culto da caridade.

A CARIDADE.

A caridade, senhores! Com que flacidez na consciencia do seu ascendente sobre os corações não revestio ella o seu manto de bondade entre os animos revoltos! O campo que se lhe estendia por diante, o campo das calamidades de uma subversão, em que já se sepultaram mais de seis milhões de homens, que já não menos de cincoenta milhões de almas tem arrastado aos vexames, perigos e desastres do serviço de campanha, que inunda a Europa de invalidos, estropiados, cegos, loucos e suicidas; que envolve alli em crépe quasi todas as casas, e a quasi todas vai arrebatando pais ou filhos, esposos

ou irmãos,—o campo que se deparava aos trabalhos dessa virtude, campo quasi infinito na sua immensidade, parecia exceder o alcance do coração humano, por mais que se elle buscasse dilatar até onde a creatura, pelo amor de Deus, se approxima do Creador em poder miraculoso.

O EXERCITO DA CRUZ.

Mas os olhos da humanidade borbotaram lagrimas santas: e, do chão onde ellas cahiram, do chão onde se reflectia o madeiro do Golgotha escorrendo em sangue vivo, desse chão, onde a cruz se avermelhava através do morticinio, estendendo-se ao longe, infinita, na dolorosa melancolia dos campos de batalha, em busca dos mortos e feridos, se vio surdir, pullular, recrescer outro exercito: o exercito das ambulancias, dos hospitaes, das obras pias, o exercito dos levitas, dos medicos, dos enfermeiros, das mulheres sagradas, soccorro dos que padecem, consolo dos que agonizam, alegria dos que revivem, luz dos que cogaram, arrimo dos que entreveceram, salvamento dos que naufragaram, refugio dos que sobrenadam sem pais, consortes ou amigos; o amavel exercito do bem, o exercito da cruz, a multidão innumeravel dos heróes do habito immaculado, onde refulge o signo do Salvador, trocada a côr do luto na da chamma ardente em que se abraza a piedade

PIEDADE E CRUELDADE.

Esta luta da piedade com a crueldade nos dá uma visão celeste no espectaculo tenebroso da guerra. Onde uma cava as suas tumbas, a outra ergue os seus berços. Onde uma ruge maldições, a outra entôa bençãos e preces. Onde uma irrompe com a dor, a miseria e o desespero, a outra se assenta com a esmola, o carinho e a esperança. Onde uma lacera, sangra e trucida, a outra allivia, estanca e sara. Onde uma passa, no turbilhão da ira, alastrando o solo de mortos, abandonando cadaveres e feridos, na inclemencia do tempo, ao pasto de lobos e abutres, a outra acode, na visita da compaixão, dando aos defuntos o jazigo, o penso aos feridos, aos doentes a cura, aos salvos a convalescença.

Bemdita a missão dessa onda maviosa de paz, estendida pela divina bondade no encalço das vagas sanguinosas, das procellas e commoções do medonho terremoto, que evocou dos abysmos insondaveis do mal ignotas maldades e desgraças escommunaes.

Esta a verdadeira cruzada, a realmente digna de tal nome; pois ahi a cruz não desmente a cruz, não renega o Crucificado, não se associa á obra de matança, não a préga, não a guia, mas antes, se se ensopa no sangue da guerra, não é senão para o enxugar e lhe mitigar a ella a impiedade.

AS DUAS GUERRAS

O mais sanhoso demonio da guerra não é o que se revolve, no torvelinho de balas e chammas, cruentando a liça dos combates. É o que leva ao seio dos não combatentes as cruezas da guerra, sem escusa de aggressão ou combate. Nesta nefandissima campanha os dous demonios se abraçaram num consorcio sem precedentes, requintando ao mais alto grão de ferocidade, *contra os que não se batem*, os desabrimentos da iniquidade militar.

Duas guerras são, numa só guerra, duas, distinctas e accumuladas; e a peior das duas não está no embate da violencia contra a violencia, dos exercitos contra os exercitos, das esquadras contra as esquadras; não está nem no estalar da metralha contra a metralha, nem no bramar da artilharia contra a artilharia, nem no renhir da arma branca contra a arma branca; não está nem no aporfiar das sorprezas com as sorprezas, nem no responder das minas ás minas, nem no reconvir dos torpedos aos torpedos; não está nem no contrabater das trincheiras com as trincheiras, nem no lutar das couraças com as couraças, nem no investir das aeronaves contra as aeronaves. Numa palavra: não está onde quer que se contraponha a offensiva á offensiva, o ferro ao ferro, o fogo ao fogo, a força á força.

Apezar de toda a sua atrocidade, essa é,

ainda, a menos atroz das duas guerras parallelas. E, demais, nella, ao menos, ha nobreza; porque ha riscos, ha intrepidez, ha forças congeneres, que se medem, que contendem, que retaliam.

A DESHONRA DA GUERRA.

Nada que com isto se pareça encontrareis na outra. Guerra do lobo com o cordeiro, do tigre com a presa, ella arroja tropas contra populações inermes, e as trilha debaixo dos pés dos seus soldados; ensanguenta de inuteis horrores a occupação militar; utiliza pelotões em matar velhos, mulheres e crianças, executadas nas cidades e aldeias rendidas a discripção; serve-se de aeroplanos em assassinar mulheres, velhos e crianças, colhidos a esmo pelo bombardeio de lugares indefesos; em exterminar crianças, velhos e mulheres emprega submarinos, afundando navios mercantes; e, fazendo, assim, da traição nobreza, do terror bandeira, da pirataria gala, é a glorificação da carniceria, o rebaixamento dos exercitos, a deshonra da guerra.

DILEMMA.

Mas, por isso mesmo nada contribuirá mais do que essa desnaturação da guerra, para que o sentimento publico não as distinga, afinal, uma da outra; para que se detestem, ao cabo, com o mesmo horror as duas expressões

da guerra; para que a humanidade, amalgamando-as na mesma idéa, venha a precaver-se de toda a guerra como da febre amarella, da cólera morbus, ou da peste negra; para que a civilização acabe por se considerar definitivamente incompativel com ella; para que contra ella se resolva, um bom dia, a organizar um serviço de hygiene moral e instituições juridicas impenetravel ás suas irrupções ulteriores, comprehendendo, no termo de taes provas, que ou o genero humano ha de exterminal-a, ou ella exterminará o genero humano.

ACÇÃO E REACÇÃO.

Coube ao seculo XX assistir á exhibição pratica da guerra terrorizadora em toda a sua plenitude, em toda a sua inhumanidade, e á proclamação estrondosa da sua legitimidade como recurso inevitavel da tactica moderna. Mas a toda acção excessiva, neste mundo, succede a reacção correspondente; e a que nós agora anhelamos, já começou, denunciando-se, eloquentemente, auspiciesamente, vastamente, por esta expansão admiravel da caridade, em que todo o orbe civilizado, hoje, desabotôa como um rosal celeste.

Nenhuma guerra suscitou jámais intervenção tamanha da grande virtude christã, dessa virtude sobre todas prestante, sobre todas serenadora. De todos os pontos do céo, de todas as regiões da terra, todos os olhos se volvem, todos os

braços se abrem, todas as mãos se estendem para essa Europa dilacerada pelo grande fratricidio. A humanidade inteira offerece o regaço de mãi inconsolavel aos restos viventes do excidio pavoroso, aos filhos sem pais, ás mãis sem prole, ás esposas sem maridos, ás familias sem lares, ás nações sem territorio, ás almas e povos espedaçados, que derivam no rebojo da corrente ensanguentada.

O GRANDE MANDAMENTO.

Crerieis que nunca os varios ramos da vasta especie humana sentiriam tão realmente palpitar-lhes nas entranhas a voz da sua fraternidade; que pela primeira vez as homens de todo o orbe vibram á consciencia da sua identidade moral; que val, chegando, na historia do globo, o momento sublime de resoar no coração de todas as raças tocadas pela scentelha do Christo o grande mandamento da lei: "*Amarás* o teu proximo como a ti mesmo. *Diliges proximum tuum sicut te ipsum.*"

Desta vez, as nações entraram, seriamente, a perceber que tambem a ellas, não menos do que aos individuos, se endereça o verbo do pacificador supremo, o verbo do Crucificado

A NOVA HUMANIDADE.

A despeito da politica, alheia, entre nós, ás grandes realidades do nosso tempo, em que nem as autocracias mathusalenicas escapam aos

repentes do imprevisto, aqui, como por toda a parte, o movimento humano segue o seu curso torrentoso e fatal, a que os pasmosos successos desta conflagração rasgaram bréchas immensas na muralha dos velhos interesses. Aqui, como em toda a parte, as sympathias humanas se declaram sem hypocrisias convencionaes.

As grandes vias da humanidade transbordam, coalhadas pelo concurso de todos os povos. Nos horizontes do espirito rutila a estrella de Belém; e de todos os sitios de onde se avista o firmamento das esperanças christãs, o ouro, o incenso e a myrrha dos que olham para o futuro, vão buscando, numa continua romaria, essas regiões de communhão moral com os martyres da grande causa, onde se pressente o novo advento do Filho de Deus: o nascimento de uma nova humanidade.

O SENTIMENTO BRASILEIRO.

Ainda bem, senhores, que os bons instinctos do povo brasileiro nunca o deixaram hesitar na intelligencia da sua união de sentimentos, interesses e destinos com as amarguras da Europa sacudida pelas convulsões desta revolução fadada a transformar a face da terra.

Abençoadas sêde vós, senhoras da Cruz Vermelha dos Alliados, que, dia a dia, trabalhais, tão assidua e santamente, nesta seara pia, que tanto e tão desinteressadamente haveis lidado, como continuais a lidar, pela obra maravilhosa do

auxilio aos martyres da guerra, aos victimados batalhadores de um pleito com que se acha essencialmente adunada, não só a manutenção das nossas instituições e liberdades, mas a nossa propria integridade territorial.

Pelas vossas mãos dadivosas, com as oblações das vossas almas, Petropolis, a encantadora cidade dos jardins, a perola das nossas montanhas, a filha do Rei philosopho, poeta e cavalleiro, que, a poucos passos desta casa, contempla, tranquillo, da sua cadeira de bronze, o rolar da nossa decadencia,—tambem ella contribuirá, com um pouco das suas essencias, dos seus aromas, do seu orvalho embalsamado, para cicatrizar algumas chagas dos nossos torturados irmãos de além-oceano.

Oxalá que estas humildes offerendas cheguem a servir de algum lenitivo entre tantos horrores, e, transpondo os mares, se elevem, não a esses céos de bronze, donde chove terrores o deus barbaro do sangue, o deus dos Scythas e Tartaros, mas ao oriente da consciencia humana, donde se mostra o Deus da Verdade. Oxalá que ellas subam, levando ao seu seio as orações ardentes do povo brasileiro pela suspirada paz. Não a paz oppressora da conquista, mas a paz reparadora do direito, a paz da misericordia e da justiça. Misericordia com os erros. Justiça com os crimes.

Só assim terá vindo a nós a verdadeira paz, a paz tranquilla e duravel, a paz estavel e

segura, a paz generosa e santa: a paz da lei e do Evangelho, a Paz do Senhor.

PRECE.

É o que vos pedimos, com o pranto e os soluços da humanidade esmagada, Creador nosso, Redemptor nosso, Salvador nosso, Pai nosso, que estais no coração de todos os homens, no testemunho de todos os tempos, na obra de todos os bons, e em quem renasce hoje a fé esmorecedida pelo materialismo desta idade corrupta. Ouvi-nos, Mestre dos mestres, Santo dos santos, Senhor dos livres, adoravel Deus, a cujos pés se estende o infinito com os astros sem numero do espaço e os seculos sem conto da eternidade. O mundo, Senhor, sequioso de restituição e tranquillidade, não acompanhou a imprecação da Allemanha: "Deus castigue a Inglaterra!" mas acompanha a oração da Inglaterra: "Deus perdôe á Allemanha!" Deus lhe perdôe, mas, juntamente, a contenha, a converta á sua lei, a inspire no amor dos seus semelhantes.

0-77
Д,482-3

ENCADERNAÇÃO
de
LIVRARIA CASTRO E SILVA
OPORTO-PORTUGAL

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 122953117